

Aproximações e ambivalências epistemológicas da pesquisa que se constitui entre a comunicação e o comunicar

Luis Mauro Sá Martino¹
Angela Cristina Salgueiro Marques²

Resumo: Este texto deriva do diálogo estabelecido com Ferrara (2013) no 22º. Encontro da Compós, abordando em particular suas proposições sobre as relações entre a comunicação e o comunicar. Partindo de algumas de suas reflexões, argumenta-se a necessidade de incluir, na epistemologia da Comunicação, a categoria do “estranho”, uma reflexão auto-desconstrutiva sobre o encontro entre a pesquisa e o pesquisador. Essa ideia se desenvolve ao redor de três eixos: (1) a presença desse “estranho” na pesquisa; (2) seu lugar nas tensões entre comunicação e comunicar; (3) as consequências metodológicas dessas aproximações. Finalmente, são pensadas as possibilidades de operacionalização desses conceitos.

Palavras-chave: Comunicação; Epistemologia; Teoria da Comunicação; Método.

Abstract: This text emerges as a learning dialogue with Ferrara (2013) and her propositions concerning the difference between ‘communication’ and ‘communicating’ to question Communication Epistemology. Reflexions derived from her point of view argue that there is a sort of missing category in Communication Research, that of the ‘strange’, a self-deconstructive reflection highlighting the researcher’s place in the research itself. The text focuses on three main aspects of the problem: (1) the presence of the ‘stranger’ in communication research; (2) the differences and tensions between ‘communication’ and ‘communicating’; (3) the methodological consequences of these two elements. Finally, the text reflects on the research operationalization of these concepts.

Keywords: Communication; Epistemology; Communication Theory; Method.

A explicitação dos lugares de fala pode ser um ponto de partida para a localização das temáticas trabalhadas neste texto. Sua origem está no relato do trabalho apresentado por Lucrécia D’Alessio Ferrara (2013) no 22º. Encontro

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação (Faculdade Cásper Líbero/ SP). Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP).

² Doutora em Comunicação Social e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (UFMG). Pós-doutora em Comunicação Social (Université Stendhal - Grenoble 3).

da Compós. A partir da confecção do relato, e da possibilidade de diálogo no espaço do GT “Epistemologia da Comunicação”, procurou-se aqui a articulação das reflexões e pontos de vista no sentido não da elaboração de uma resposta ou de um comentário às proposições de Ferrara, mas, para utilizar uma palavra nas vizinhanças das perspectivas da autora, trazer ressonâncias, ecos e eventuais derivações à sua abordagem do processo comunicacional.

A questão parece ser delimitada pelas possibilidades do estabelecimento de relações de comunicação, em um primeiro momento, e, em outra perspectiva, nas condições de se estabelecer uma reflexão a respeito desse fenômeno. Desta maneira, este texto é formulado no sentido de buscar aproximações e derivações de problemas epistemológicos da Comunicação a partir, sobretudo, do encontro com o texto mencionado.

Talvez a tarefa de uma epistemologia da Comunicação seja antes examinar algumas de suas próprias fragilidades, ambiguidades e ambivalências do que pontificar sobre as especificidades deontológicas das práticas de pesquisa, embebidas por sua vez nos meandros de dinâmicas nem sempre identificáveis, talvez por inapreensíveis senão no universo do intuído mais do que no conceituado a partir – ou projetado sobre – o empírico. O exercício epistemológico não deixa de levar em conta as fragilidades, pontos de vista, idiosincrasias e perspectivas do próprio pesquisador, bem como de seu repertório e de suas possibilidades de trabalho, que, em articulação com os problemas e objetos empíricos, evidenciam-se transversalmente em sua apreensão cognitivo-metodológica.

Os aportes para o estudo dos fenômenos comunicacionais parecem esbarrar, de saída, na definição de se conceituar os elementos de sua composição, sobretudo no que diz respeito à percepção, ou captura, do momento da comunicação. Esse debate, explorado, entre outros, por Braga (2010) e Marcondes Filho (2010) também está no horizonte teórico proposto por Ferrara (2013).

Um caminho de entrada para a discussão acerca dos modos de abordagem dos fenômenos comunicacionais é proposto por Ferrara (2013) ao indagar sobre as relações construídas em torno da comunicação e do comunicar. Delineia-se, em sua argumentação, que a comunicação, associada à dureza do método, à repetição incessante de percursos metodológicos que evidenciam sempre as mesmas coisas, porque buscar-se-ia negar as diferenças, à cegueira diante do apelo do que é difuso, errático, ambivalente e impreciso, pareceu ser associada a um modelo “duro” que se solidifica em um tipo de blindagem teórica dos objetos empíricos, tendo como redenção o comunicar. Este último, o verbo e o gesto do comunicar, implica uma ciência a contrapelo, exigindo mais um esforço de resgatar a trajetividade dos sinais que definem o fenômeno comunicativo e menos uma disciplinarização dos objetos a partir de abordagens teórico-metodológicas já testadas e utilizadas de forma “segura” e “eficaz”. É importante mencionar que não é finalidade da autora construir oposições binárias entre essas duas noções, muito menos qualificá-las como pólo positivo e negativo.

Talvez, o que parece estar sendo questionado não é a comunicação ou o processo comunicativo em si, seu caráter relacional, as interações intersubjetivas, a construção de situações comunicativas e a produção de experiências transformadoras, mas sim talvez a falta de habilidade da comunidade científica dos pesquisadores em Comunicação em lidar com o estranho, com as diferenças, com o inusitado. Como recorda Mattos (2003:2), “a crise dos grandes modelos de explicação da comunicação acompanha o próprio processo de constituição e desenvolvimento dos seus campos acadêmico e científico”.

Colocados diante do conhecido e do desconhecido, os pesquisadores buscam abrigo junto a métodos já testados, caminhos já trilhados, identificando-se com outras pesquisas já concluídas e convivendo com a dúvida sobre o que de fato tenham “criado” por si mesmos. Assim, o fantasma, o monstro associado à comunicação não seria bem o comunicar, mas o duplo criado pelo pesquisador (a partir de métodos, conceitos e técnicas já testadas e

identificadas pela comunidade como válidas e apropriadas) e que não o deixa “viver” ou “ser atingido por” sua própria pesquisa.

O pesquisador muitas vezes vive à sombra, transforma sua pesquisa em sombra, identificando-se, não raro, com outros que o precederam. Ou seja, ele vive o duplo, que se manifesta no retorno constante da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, características ou conceitos que, sedimentados, impedem que riscos sejam assumidos.

Em uma associação geral e generalizante poderíamos dizer que os duplos e não a diferença parecem marcar os estudos de comunicação. Assumir o risco de implementar modos de abordagem e metodologias inovadoras não quer dizer que devemos deixar de lado a identificação com o que já foi proposto por outros pesquisadores e suas produções. Afinal, em nossas próprias reflexões, reiteramos conceitos e abordagens daqueles que nos precederam no âmbito acadêmico, ou que são nossos contemporâneos. O que seria desejável é o gesto de, a partir dessas articulações, ir além do já previsto, escapar à reiteração das mesmas afirmações, variáveis analíticas, erros, falhas vicissitudes.

Talvez por isso possamos dizer que o duplo da comunicação estaria associado à incapacidade de extrair o estranho do que é familiar, ou ainda, de acrescentar algo ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. Nesse sentido, teríamos duas possibilidades epistemológicas de fugir ao duplo, isto é, à sombra e ao fantasma que retiram a força original do pensamento comunicativo: uma seria explorar minuciosamente o que é familiar de modo a descobrir o que nele é visto por nós como estranho (ou que desperta em nós um sentimento de estranheza), ou seja, definir elementos comuns a uma classe de eventos (o que permitiria a determinação de regularidades abrangentes). Outra seria buscar explorar a novidade, o inusitado, o que é recorrentemente excluído (porque é perturbador). Contudo, nem sempre o novo é o estranho, mas antes o que é familiar e que retorna a nós de forma a causar estranhamento. Assim, o estranho não é necessariamente o que é novo, ou a total inovação nos métodos de fazer pesquisa ou a alteração nos modos de apropriação dos conceitos. Ainda que consigamos encontrar as brechas e vazios na comunicação para vislumbrar

a diferença, a peculiaridade e a novidade, isso, por si só não caracteriza mudanças perceptivas concretas. Ao familiar é preciso extrair o estranho e à novidade é preciso acrescentá-lo.

Poderíamos, então, nos perguntar: seria mesmo necessário “operar o avesso da comunicação” (do familiar) para desentranhar o estranho? Não seria possível desentranhá-lo da própria comunicação, de sua própria indecibilidade, repetições, polarização e indefinição de fronteiras? Não seria possível extrair o novo, o diferente a partir das brechas e vazios abertos pelas quatro polarizações indicadas de modo a, posteriormente associar a novidade encontrada nas repetições ao comunicar (sendo este último o elemento que torna a novidade estranha)?

Intermitências e descompassos

Ferrara (2013) menciona o descompasso entre as práticas de pesquisa e as discussões conceituais. A isso pode-se acrescentar as demandas práticas de uma realidade que se transforma a cada momento, e que, quando de sua análise, revela-se diferente do instante de sua apreensão. Dessa forma, uma epistemologia da Comunicação de certa maneira não escapa de uma auto-desconstrução no sentido de questionar as próprias perguntas, e verificar a pertinência lógica e epistemológica de seus modelos, propostas e paradigmas. Na visão de Braga (2007: 21), “o processo de produção teórica é, sobretudo, um esforço de desentranhar da complexidade do mundo real elementos essenciais que nos ajudem a compreender e a descrever essa realidade”.

Se uma epistemologia da Comunicação busca escapar aos efeitos de “naturalização”, isto é, de tomar suas propostas como auto-evidentes e legitimadas pelo procedimento (pela genealogia ou pelo uso), e com isso fugir, ainda que parcialmente, às redes de poder institucional responsáveis por definir a legitimidade e a eventualmente a racionalidade de determinadas teorias em detrimento de outras (cf. Fuentes, 1994; França, 2001; LOPES, 2003; BARBOSA, 2002; FERREIRA, 2003; MARTINO, L. C., 2007; MARTINO, L. M., 2011), é necessário que seus próprios debates, conceitos e perspectivas passem

por revisões e recensões, não apenas no sentido de verificar uma genealogia, mas sobretudo para observar quais temáticas tem sido eleitas e de que maneira essas podem/tendem a se cristalizar em caminhos pré-definidos da auto-reflexão sobre o pensar da área, reificando-se como modelos sem a abertura necessária para ter alguma chance de observar – não se diria apreender – o real.

Nesse aspecto, a proposição de Ferrara (2012) sobre uma “epistemologia indecisa” pode incidir sobre a possibilidade de se pensar o epistemológico dentro da comunicação como uma aproximação tentativa (BRAGA, 2010) e auto-desconstrutiva de se nomear o problema a partir de uma apreensão da reflexão sobre o problema. A indecisão não se refere à escolha na medida em que, neste caso, questiona-se a própria necessidade de escolha em relação ao que constituiria o objeto da Comunicação, separado canonicamente em algumas perspectivas, como o técnico, o natural, o espetacular e eventualmente o humano, como recorda a autora.

A superação de dicotomias propõe indefinições, indecisões talvez mais próximas dos fluxos e dinâmicas da realidade. A apreensão do movimento pelo conceito não pode ser feita senão no exercício de uma agressiva imobilidade do real; no entanto, o risco é que isso se torne um índice de imobilidade do conceito. E da imobilidade à reificação talvez não exista uma distância muito longa. A indecisão apontada por Ferrara, nesse sentido, decorre de problemas na apreensão – e na reflexão sobre a apreensão – do objeto da área.

A presença dessas dicotomias é verificada pela autora, entre outros fatores, a partir do acompanhamento de questões debatidas sobretudo no âmbito do GT “Comunicação e Epistemologia” da Compós.

O desequilíbrio entre a elaboração conceitual para dar conta da realidade e as dinâmicas e fluxos de uma realidade que escapa ao conceito no momento mesmo de sua apreensão conceitual – residindo nisso não só um problema de racionalidade, mas eventualmente até mesmo nominalista, na medida em que definir é apreender, e o real apresenta-se como o inapreensível, ao menos em sua totalidade – se impõe como um problema epistemológico que, ao destacar o

indeciso, o empiricamente inapreensível e elegendo eventualmente o indício, nas vizinhanças do inefável desprovido evidentemente de ressonâncias metafísicas senão enquanto parte do ontológico humano, mostra-se com força redobrada nos problemas epistemológicos da Comunicação.

A discussão parece se inscrever, nesse ponto, em um conjunto de investigações sobre a ontologia da Comunicação e sua epistemologia que se vem se objetivando, já há algum tempo, nas reflexões de vários autores, das reflexões iniciais de Flusser (2008 [1974]) até BRAGA (2010), MARCONDES FILHO (2012) e FERRARA (2010, 2012, 2013) no sentido de investigar a comunicação não a partir de técnicas ou de práticas, mas como fenômeno que ultrapassa qualquer tentativa de apreensão a partir do visível da Comunicação, mas observando-a em seus traços, fragmentos e ressonâncias.

As tensões e intervalos entre a comunicação e o comunicar

É possível identificar como argumento central do texto de Ferrara (2013) a existência de tensões entre a comunicação e o comunicar. Tais tensões são expressas por meio do modo como a autora elabora conceitualmente esses termos. De um lado, a comunicação é retratada como construto que almeja a cientificidade escondendo as ambivalências dos fenômenos atrás de métodos tidos como eficazes, mas que apagam o gesto do comunicar. Ao procurar se constituir como ciência, a comunicação perde o contato com o comunicar e se transforma em uma síntese de características negativas, uma vez que ela se estrutura de maneira a formar polaridades com quatro aspectos que salientam, recorda Ferrara (2013: 13):

a função instrumental da simples transmissão; a naturalização comunicativa que caracteriza todos os sistemas vivos; a alienação da massa seduzida pelo espetáculo; as aplicações mecânicas de dispositivos ou aparatos classificatórios e explicativos de métodos estabelecidos.

A comunicação, perdida e indecisa entre a função transmissiva, sua naturalização, sua espetacularização e seu estatuto científico estaria como que presa, segundo Ferrara (2013: 15) “entre meios técnicos e comunicativos, entre

a comunicação naturalizada e aquela produzida socialmente, entre o espetáculo e experiência, entre o método e estratégia metodológica”.

E é justamente por causa dessa indecisão que ela buscaria refúgio junto a uma alternativa “mais segura”, ou seja, ela buscaria a identificação rápida, o reconhecimento seguro via conceitos, enquanto o comunicar procuraria a alteridade, a diferença, a potência, o incontido. Assim, de outro lado, estaria o comunicar, definido pela autora como “a contraface da comunicação, seu fantasma ambivalente ou sua realidade monstro que deve ser excluído a fim de não prejudicar a certeza científica” (2013: 3). Seu caráter “é difuso, ambivalente, desafiante e frequentemente contraditório em relação àquilo que o senso comum entende por comunicação” (2013: 14).

Para ver o comunicar é necessário operar o avesso da comunicação e procurar-lhe brechas e vazios que nos possibilitam ir além do que se vê para que se possa enxergá-la quando ela nos olha e nos interroga (FERRARA, 2013: 15).

A comunicação parece “aflita” ao nos endereçar um olhar indagador e exigir de nós uma real problematização dos objetos, tensionando-os a partir dos conceitos e das peculiaridades, das diferenças e do “aparentemente desinteressante” de modo a alcançar aquilo que realmente importa, que é o comunicar. Mas por que o comunicar seria o avesso, a contraface ou o duplo fantasmático da comunicação? Por que ter acesso à ele depende de que os pesquisadores atuem nas brechas, nos intervalos, nos vazios? Por que seria exigido do pesquisador uma atitude de repúdio inicial ao conceito para alcançar o comunicável que faz avançar o conhecimento?

Antes de endereçar suas questões à “comunicação”, tal como o senso comum poderia entender o termo, o texto de Ferrara (2013) nos desafia a pensar a “comunicação” em sua dimensão do “comunicar”. Tal texto propõe perceber o comunicar como um espaço de ação de rastros, formas indiciárias e uma espécie de fantasma da comunicação.

O espaço da Comunicação, pensado a partir disso, reveste-se de novas possibilidades e interesses que podem ser explorados na constituição de uma

epistemologia de comunicação que, sem renunciar a dar conta do objeto, recusa-se, por outro lado, a trabalhar dentro de dicotomias clássicas ou de maneira muito atada a conceitos que privilegiam determinados modos de se construir objetos comunicacionais (por exemplo, a perspectiva do “mediacentrismo” ou a abordagem “relacional”), mas procura olhar para os ecos do fenômeno da comunicação tornada ato.

Dentre as várias vertentes possíveis de trabalho, pode-se iniciar destacando duas questões vinculadas a escolha de nomes, eventualmente de conceitos, utilizadas para se pensar as dimensões do fenômeno. Nesse sentido, recorda Algarra (2009: 152), “el propio objeto estudiado es en realidad un conjunto diverso de fenómenos, aparentemente sin características comunes y, por eso mismo, difícilmente agrupables”.

Note-se que a transformação do substantivo em verbo não é apenas textual, mas revela uma perspectiva de tornar a *coisa* como algo apreensível enquanto *ação*. Se a comunicação, como nome, revela-se um processo também cultural, também técnico, também social, o comunicar, verbo de ação, torna-se parte de um processo de interação muito mais amplo e também menos visível. Se a comunicação se caracteriza e se revela em sua acepção mais simples como a face visível de processos técnicos, biológicos e culturais, o comunicar, por seu turno, parece implicar algo mais do que isso, trabalhando em frestas e espaços de ressonância na definição do que viria a ser esse ato, essa ação objetivada na forma de um verbo. Se a comunicação refere-se à técnica (e a técnica é parte da cultura, ao menos nessa perspectiva), à biologia e à produção, o comunicar está em ato, no ato, assumindo uma dimensão não mais especificamente ontológica - enquanto nome, “comunicação” – mas como ato, no espaço da ação. Se a comunicação é eventualmente materialidade técnica ou discursiva, o comunicar seria o elemento de ressonância, o duplo, ou, para usar a expressão da autora, seus “fantasmas”.

Não é demais lembrar que derivada da raiz de “fantasma” está “fantasia” e, em alguma medida, a perspectiva de “imagem”. O comunicar, pensado como fantasma da comunicação, é também sua imagem, aquilo que estaria dentro de

algum tipo de essência, e por isso mesmo acessível mais à intuição sensível do que propriamente da apreensão empírica, na medida em que imagens fantasmáticas revestem-se em si mesmas de uma impossibilidade de serem pensadas enquanto tais, o que não significa que não possam ser apreensíveis. A comunicação, substantivo, substantiva, pode ser mensurada, proposta, eventualmente até apreendida e quantificada, enquanto o ato de comunicar não parece ser pensável, se não a partir de seus vestígios e traços (BRAGA, 2008; FERRARA, 2013).

Mais do que a definição de critérios para observação do real ou da tentativa de apreensão do “campo da experiência”, como definem Deleuze e Guattari (2003), a epistemologia da Comunicação defronta-se, mais do que outras áreas talvez, com a demanda de compreender as múltiplas dimensões de um fenômeno de contornos ainda indefinidos, que de certa maneira unem-se apenas no desafio a interpretações redutoras, dentro de suas possibilidades e eventuais limites.

Se o objeto, o método e os limites teóricos da investigação em Comunicação permanecem indefinidos, é talvez em decorrência das disposições do próprio objeto em escapar a qualquer propósito de definição conceitual. Como capturar o momento do comunicar, o instante fantasma de uma comunicação tendencialmente fora do controle em suas ressonâncias?

Daí um esforço da autora em mostrar o que o comunicar “não é” em relação aos próprios estudos de Comunicação. Ferrara (2013) transita então por algumas tradições do pensamento da área, desde o modelo de pesquisa administrativa, pesquisa crítica, a comunicação enquanto elemento natural e, mais especificamente, o humano como espaço do *comunicar*. Assim, a forma do *comunicar* separa-se do elemento técnico, mas também relacional da Comunicação, debruçando-se sobre os traços e indícios do ato, do verbo.

A proposição da autora, nesse sentido, parece se dirigir não apenas no sentido de superar dicotomias para propor outras, mas trabalhar a diluição de dicotomias em fluxos metodológico-teóricos, em conceitos que, na aproximação,

não se prendam à cristalização de seus fundamentos, mas que procure a indecisão como proposta de auto-reflexão e dinâmica para além de eventuais fechamentos, mas em uma abertura própria do ato, do verbo.

Manifestações empíricas, o comunicar e as metodologias tentativas

Uma segunda linha argumentativa do texto de Ferrara (2013) estabelece que o que importa, que o que se configura como desafio e enigma epistemológico em nosso campo é saber apreender as diferenças trazidas pela dimensão do comunicar (que é, para a autora, frágil e não se faz ostensiva). Retomando as considerações feitas acima, poderíamos nos perguntar se a tarefa da epistemologia realmente se localiza entre “evidenciar identidades” e “apreender diferenças” ou se ela poderia também “evidenciar e apreender diferenças nas identidades” e “acrescentar dimensões assustadoras de realidades monstro ao que se apresenta como novidade”?

As manifestações empíricas do comunicar, únicas e inconfundíveis (aquelas que, para a autora, abrangem as diferenças, uma vez que as manifestações da comunicação as suprimem por temor e insegurança) não podem ser apreendidas pelos métodos que há muito conferem à comunicação a certeza do reconhecimento imediato pela comunidade científica. É feita nesse sentido uma crítica ao método empírico mecanicista, ao método estruturalista que decompõe os objetos e ao método fenomenológico que os interpreta).

Uma vez que o que se faz frequentemente é reafirmar identidades e pertencimentos através de repetições de métodos que se revelam insuficientes para deixar entrever, nas análises, “a realidade híbrida que se encontra entre mediações e interações” (FERRARA, 2013: 7), a questão que a dimensão do comunicar nos coloca é: como apreender as diferenças através de metodologias atentas à multiplicidade dos objetos?

Tal questionamento sugere que na dimensão da comunicação temos mais métodos que aprisionam o objeto e menos metodologias que o permitem respirar. Como já mencionado, para a autora, a comunicação tenderia a aderir

ao método para escapar da incerteza da metodologia. As regularidades e repetições presentes no uso de determinados métodos “parecem hoje insuficientes na sua exposição abrangente para, sozinhas, dar conta da complexidade dos fenômenos. Oferecem afirmações ‘gerais’ onde, hoje, precisamos perceber distinções finas” (BRAGA, 2008: 75).

Mas será que para investigar as diferenças é preciso deixar de lado ou mesmo substituir os métodos atualmente utilizados para pensar um nova abordagem teórico-metodológica mais aderente aos objetos de pesquisa? Não são as formas de articulação entre teoria e fenômenos empíricos que primeiramente devem ser questionadas? Quando é a riqueza do objeto que permite questionar e rever a teoria, temos um tensionamento que não exige que abandonemos métodos ou conceitos que estruturam hipóteses ou proposições gerais de partida, mas que os “complementam com ângulos específicos, observam diferenças na semelhança (realizações singulares ainda não percebidas na proposição geral), ultrapassando o nível ‘geral’ da proposição abstrata e buscando perceber ‘variações internas’ desta” (BRAGA, 2008: 82).

E ainda, mais do que os métodos ou metodologias em si não seriam as perguntas lançadas aos objetos que deveriam ser revistas? O modo como os problemas de pesquisa são formulados e objetivos estabelecidos dizem de uma indecidibilidade do próprio olhar do pesquisador sobre aquilo que deseja investigar.

A partir das interlocuções com Ginzburg (1990) e Braga (2010), Ferrara procura apontar o paradigma indiciário como possível solução para explorar e dar a ver a realidade do comunicar. Tal paradigma trabalha com a ideia de que se deve explorar os vestígios, os restos, os ângulos não esclarecidos e ainda não avaliados pelas teorias ou sistemas classificatórios estabelecidos. Na definição de Braga:

O paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos. O trabalho desse paradigma abrange (a) levantar indícios; (b) decidir de sua relevância para o objeto e para a pergunta da pesquisa; e (c) articular conjuntos de indícios derivando, daí, inferências sobre o fenômeno. Isso pode ser

feito através de um tensionamento triangular entre situação empírica, bases teóricas e problema de pesquisa (2008: 81).

Os rastros indiciários ligados a fenômenos empíricos se delinearão como possíveis e não como certezas blindadas por métodos e conceitos que lhes conferem identidade de imediato reconhecimento. “O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (BRAGA, 2008: 82).

Sob esse aspecto, essa parece ser uma das linhas que guia autores como Benjamin (2004), Didi-Huberman (2003) e o próprio Agamben (2000). Ao construir uma busca pela estética do índice, dos traços, rastros, Benjamin dá preferência às marcas, aos lampejos e aos vestígios em oposição à arte da narrativa, totalizante, épica, metafórica e tradicional. Essa opção metodológica fica clara em seu conceito de imagem dialética, que toma forma/lampeja em momentos de perigo, fazendo aparecer uma constelação que une presente ao passado. Esse lampejo é uma centelha que expressa a oposição entre as luzes do poder e lampejos dos contrapoderes. A imagem dialética não é uma imagem na acepção denotativa do termo, mas uma operação temporal que revela que “a relação entre hoje e ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente” (LÖWY, 2005: 61). A imagem benjaminiana nos é apresentada, portanto, enquanto forma de legibilidade do tempo.

A imagem dialética à qual nos convida Benjamin consiste em fazer surgirem os momentos inestimáveis que sobrevivem, que resistem a uma organização de valores que empobrece a experiência, fazendo-a explodir em momentos de surpresa. (DIDI-HUBERMAN, 2011: 126)

Assim, como nos esclarece Didi-Huberman, a imagem dialética pode ser compreendida como uma metáfora para um dispositivo que faz surgirem e sobreviverem os “momentos inestimáveis” que resistem a capturas, silêncios e aos excessos de discursos construídos midiaticamente e pelo Estado. Por isso, ele constrói a hipótese de que a imagem é um operador temporal de sobrevivências, portadora de uma potência política relativa a nosso passado, presente futuro.

A imagem dialética, segundo Benjamin, nos leva a compreender de que maneira os tempos se tornam visíveis, assim como a história nos aparece em um relâmpago passageiro que convém chamar de imagem. (DIDI-HUBERMAN, 2011: 46)

Já a menção à arqueologia filosófica de Agamben é uma das principais contribuições que o texto de Ferrara (2013) traz à nossa reflexão sobre a necessidade de repensarmos o modo como os objetos podem tensionar e problematizar nossos conceitos/teorias e métodos/metodologias.

De maneira geral, a arqueologia refere-se à prática que, na investigação histórica, não se ocupa da origem, mas do ponto de insurgência de um fenômeno. A oposição entre origem e surgimento marca o movimento de recusa em buscar uma origem que explique teleologicamente o desenvolvimento da história, apontando para um passado estanque. O objetivo é descrever como realidades históricas surgem em um dado momento a partir de outras realidades. Esse movimento implica, segundo Agamben (2008: 46), “desconstruir os paradigmas, as técnicas e as práticas por meio das quais ela regula as formas de transmissão, condiciona o acesso às fontes e determina, ao mesmo tempo, o próprio estatuto do sujeito cognoscente”.

Voltar-se para as emergências e não para as origens no caso da tensão entre a comunicação e o comunicar implicaria associar a comunicação ao “horizonte” e o comunicar à “imagem”. Para Agamben, “a imagem diz das intermitências passageiras, enquanto o horizonte aponta para os estados definitivos, tempos paralisados, de modo que ver o horizonte, o além, é não ver as imagens que vêm nos tocar. Dar exclusiva atenção ao horizonte é tornar-se incapaz de olhar a menor imagem (apud DIDI-HUBERMAN, 2011: 115).

As imagens, consideradas como emergências que atravessam e transpõem a paralisia das origens e dos horizontes, aparecem como operador político de protesto, de resistência, de crítica ou de emancipação na obra de Agamben. Este também é o sentido da reflexão esboçada por Benjamin sobre o papel das imagens como modos de organizar, de analisar e de contestar o próprio horizonte de nosso pessimismo fundamental. Assim, o papel do conceito de imagem na arqueologia é o de evidenciar a força das emergências

que possibilitam que o presente ilumine o passado, enquanto o passado iluminado torna-se uma força no presente (LÖWY, 2005). Sob esse viés, o comunicar cruza temporalidades em um lampejo, em imagens fugazes, sutis e instáveis de modo a transpor, tal um cometa, a imobilidade de todo horizonte.

A arqueologia consiste em fazer surgir os momentos inestimáveis que sobrevivem, que resistem a uma organização de valores que empobrece a experiência, fazendo-a explodir em momentos de surpresa. O comunicar, em sua potência imagética, nos convida a olhar para as experiências e virtualidades que se transmitem ainda para além de todos os espetáculos comprados e vendidos a nossa volta. Como menciona a autora, o comunicar nos convida a olhar para “os fantasmas ou diferenças que se escondem nas metamorfoses que se dissimulam em técnicas e espetáculos” (FERRARA, 2013: 15).

Mas não se trata de pensar um comunicar sem comunicação, nem de engessar a comunicação em um pretense “caráter conservador simplesmente transmissivo, instrumental e passivo” (FERRARA, 2013: 15). Trata-se de rever o próprio gesto do pesquisador que, ao se dispor a tecer indagações outras aos fenômenos que observa, irá procurar rastros e vestígios nas recorrências e nas falsas adequações conceituais capazes de “revelar o que se esconde sob o comunicar” (FERRARA, 2013: 14). A nosso ver, essa busca se revela no próprio gesto político, tal como pensado por Agamben (2000: 56), que se realiza quando “nos tornamos sujeitos de uma ação, quando fazemos com que ela seja nossa” (realizá-la e assumir responsabilidade sobre ela). Como ele explica, “é a subjetivação do gesto que faz a diferença: o ator não age, ele se autoriza do gesto – ele não é autor do gesto, mas torna-se autor pelo gesto” (AGAMBEN, 2000: 56).

Considerações finais

Como aponta Ferrara (2013: 15), o movimento contínuo e de via dupla que vai da comunicação ao comunicar (que não exige a supressão do substantivo pelo verbo) requer “a revisão do papel do receptor” e, acrescentaríamos, uma revisão do gesto do pesquisador, que seria convidado a renunciar ao duplo e a

assumir que seus empreendimentos em direção a novas descobertas são meios sem fim, isto é ações que tornam visíveis as indecisões, ambivalências, polaridades e surpresas do percurso, sem se voltarem para objetivos específicos. Deixar à mostra as brechas e vazios ao invés de cobri-los ou camuflá-los com teorias e métodos tidos como eficazes pode ser, talvez, o gesto que nos permite escapar à indecisão e assumir um risco: “fazer inferências sobre um fenômeno dado, a partir dos indícios de um caso singular, exige um trabalho de ‘descoberta’ ou ‘invenção’ que é, inevitavelmente, um processo de risco” (BRAGA, 2008: 84).

O trabalho de identificação, ou mesmo de captura, do comunicar em sua intersecção cheia de ressonâncias com a comunicação é um problema epistemológico importante não apenas no que diz respeito ao rigor de um conceito, mas também na avaliação dos procedimentos e metodologias articuladas com algo que ontologicamente parece se recusar a qualquer tipo de interpretação redutora posto que um aporte desse tipo, no caso, se constituiria como uma fixação talvez impossível (indesejável?) de um único aspecto do objeto em detrimento de outros.

Uma epistemologia da Comunicação, no caso, parece trabalhar em termos de uma dupla perspectiva, seja na reflexão sobre o objeto enquanto fluxo/dinâmica, mas também quanto às possibilidades de ser apreendido dentro de quadros de referência que pensam a comunicação não como uma sucessão de instantes, mas como um processo conflitivo, dissensual e múltiplo no qual há ligações e articulações que deixam traços e rastros, ressonâncias e ecos.

A apreensão das inúmeras nuances e dimensões que pertencem a um determinado fenômeno humano demandam não apenas a especificação desses fenômenos mas também a observação das possibilidades de mudanças no observador e em suas referências como condição *sine qua non* para a possibilidade de uma apreensão. Se, como recorda Husserl (1973), a apreensão do objeto pela consciência é sempre também uma apreensão da consciência de si, então as possibilidades de uma prática epistemológica neste sentido parece

derivar também de uma mudança no observador, articulado, na medida de suas próprias alterações, com o que lhe propõe o mundo de observação.

Referências

- AGAMBEN, G. **Means without end: notes on Politics**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2000.
- AGAMBEN, Giorgio. Arte, inoperatividade, Política. In: **Crítica do contemporâneo: conferências internacionais - Política**. Lisboa: Fundação Serralves, 2008.
- BARBOSA, M. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In. HOHFELD, A. *et alli*. **Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRAGA, J. L. **Comunicação, disciplina indiciária**. *Matrizes*. V. 1, No. 1, p. 73-88, 2008.
- _____. Ensino e pesquisa em Comunicação: da teoria versus prática à composição contexto & profissão. **Comunicação & Educação**. 12(2), Maio/Agosto 2007.
- BRAGA, J. L. **Nem rara, nem ausente** – tentativa. *Matrizes*. Vol. 4, No 1 (2010).
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, M. **Images malgré tout**. Paris: Ed. Minuit, 2003.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- FERRARA, L. D'A. **A comunicação entre hábito e consciência**. Trabalho apresentado no 21o. Encontro da Compós. Juiz de Fora, junho 2012.
- _____. **A epistemologia de uma comunicação indecisa**. Trabalho apresentado no 22o. Encontro da Compós. Salvador, junho 2013.
- _____. **Comunicar e Semiotizar**. Trabalho apresentado no 16o. Encontro da Compós. Bauru, junho 2006.
- _____. **Comunicação. Espaço. Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In. LEMOS, A. *et alli*. (orgs). **Mídia.br**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (orgs.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FLUSSER, V. **Bodenlos**. São Paulo: Annablume, 2008.

-
- FUENTES NAVARRO, R. **El estudio de la comunicación desde una perspectiva sociocultural en América Latina. Diálogos de la comunicación.** Peru, n.49, p. 16-25, 1994.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e historia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.143-179.
- HUSSERL, E. **The idea of phenomenology.** Amsterdã: Martinus Nijhoof, 1973.
- LIMA, V. Repensando as teorias da comunicação. In: MELO, J. M. **Teoria e pesquisa em comunicação.** São Paulo: Intercom/Cortez, 1983, p. 86.
- LOPES, M. I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: _____. **Epistemologia da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2003.
- LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio.** Rio de Janeiro: Boitempo, 2005.
- MARCONDES FILHO, C. **O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica.** São Paulo: Paulus, 2010.
- MARCONDES FILHO, C. **A Comunicação no sentido estrito e o Metáporo.** Trabalho apresentado no 21o. Encontro da Compós. Juiz de Fora, junho 2012.
- MARTIN ALGARRA, M. **La comunicación como objeto de estudio de la teoría de la comunicación.** *Analisi* 38, 2009: 151-172.
- MARTINO, L. C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. *et alli.* **A Comunicação Revisitada.** Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da Comunicação. In: VVAA. **Campo da Comunicação.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.
- MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.
- MARTINO, L. M. S. **A disciplina interdisciplinar.** Texto apresentado no GT Estudos Interdisciplinares no XVI Congresso da Intercom Sudeste. São Paulo, 10 a 12 de maio de 2011.
- MARTINO, L. M. S. **A ilusão teórica no campo da comunicação.** Famecos, no.38. Junho-. Agosto. Porto Alegre, 2008.
- MARTINO, L. M. S. **O que foi Teoria da Comunicação? Um estudo da bibliografia 1964-1986.** XXXIII Congresso da Intercom. Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010.
- MATTOS, M. A. **Paradigmas, teorias, modelos constitutivos da formação teórica em Comunicação Social.** Trabalho apresentado no XXVI Congresso

Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

ROMANCINI, R. **O campo científico da Comunicação no Brasil**. São Paulo, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes - USP, 2006.